



NOVAS FAÇANHAS

NA CULTURA

OS MUSEUS

MAIS ANTIGOS

DORIO GRANDE

DO SUL

Olá, amigos!

Em nova pesquisa realizada, o Sistema Estadual de Museus (SEMRS) apresenta as suas instituições e aos seus colaboradores os *Museus mais Antigos do Rio Grande do Sul*.

O trabalho realizado percorreu as Regiões Museológicas de nosso estado, dando especial destaque aos cinco museus mais antigos de cada localidade. Para esse propósito, tomou-se por base os dados apresentados pelas instituições no momento de seu cadastro e as informações de atualização fornecidas pelas mesmas entidades museais.

Os aspectos da pesquisa poderão sofrer alguma variação, segundo a especificidade de cada entidade analisada. Apresentação e descrição histórica da construção da entidade, avaliação e detalhamento do acervo museológico, trabalhos desenvolvidos pelos museus, apresentação do patrono da instituição e outras curiosidades diversas e interessantes, no entanto, serão os temas mais predominantes.

Ao final do trabalho, o SEMRS apresentará as 15 instituições mais antigas do estado. Importante como forma comparativa de temporalidade entre as Regiões Museológicas, ela se orientará segundo os mesmos critérios escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa: registro da instituição no SEMRS, museu com disponibilidade recente de público visitante, avaliação e confirmação de sua data de fundação.

Em caso de eventual divergência com alguma informação, tenham a gentileza de entrar em contato para a correção de seus dados.

Um grande abraço.

Sistema Estadual de Museus (SEMRS)

Os museus mais antigos da 1ª Região Museológica



Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert (Porto Alegre, 1909)
Crédito de Imagem: ufrgs.br

1º - Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre, 1903)



O **Museu Julio de Castilhos** é o mais antigo museu do Rio Grande do Sul, sendo criado pelo Decreto nº 589, de 30 de janeiro de 1903. Está instalado em dois antigos casarões de Porto Alegre, localizados na Rua Duque de Caxias, n^{os} 1231 e 1205, no centro da cidade.

O prédio principal atualmente ocupado pelo museu, de número 1231, é um destacado modelo de residência urbana aristocrática do século XIX. Foi construído em 1887, com projeto do Coronel e Engenheiro Catão Augusto dos Santos Roxo, herói da Guerra do Paraguai, para ser sua residência. Em 1898, o prédio foi adquirido pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) para morada de seu presidente, Júlio de Castilhos, ex-presidente do Estado, que passou a ocupá-lo, com sua esposa Honorina e seus seis filhos, entre 1898 e 1903, data de sua morte.

Após o falecimento da viúva, em 1905, o prédio foi comprado pelo governo do Estado, e para lá foi transferido o acervo do museu. Em sua memória, foi mantida uma sala, reconstituindo o antigo dormitório do casal e seu gabinete.

Em 1909, a casa foi reformada para adaptá-la às atividades museais. Em 1925, foram construídas duas salas no pavimento superior, e, entre 1968 a 1973, realizaram-se obras no telhado, forro, assoalho e nas redes hidráulica e elétrica, sendo reaberto a tempo de comemorar os seus 70 anos.

No ano de 1980, o governo adquiriu a casa vizinha, número 1205, construída entre 1917 e 1918, a fim de que os espaços expositivos do museu pudessem ser ampliados. As reformas de adaptação terminaram em 1996. A casa anexa foi moradia de outro ex-governante do Estado, Borges de Medeiros, seguidor de Julio de Castilhos. No ano seguinte, o casarão principal passou por nova restauração no telhado e no forro. Ambos os prédios foram tombados pelo Patrimônio Estadual em 1982. Outras obras de manutenção da sua estrutura, revitalização dos seus espaços internos e reorganização da museografia foram executadas em 2007.

2º - Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, 1908)



O acervo do **Museu Anchieta de Ciências Naturais** começou a ser formado em 1908 pelo padre jesuíta Pio Buck, idealizador do *Museu Escolar de História Natural do Colégio Anchieta*, assim denominado na época. O Padre Pio Buck realizou diversas excursões para coleta de material científico, percorrendo os estados do Rio Grande do

Sul e de Santa Catarina. Nesse contexto, o Museu tinha como principal atividade a pesquisa e a organização de coleções formadas a partir de exemplares da fauna e flora do Rio Grande do Sul.

Outro ilustre colaborador para a expansão do acervo do museu foi o naturalista e educador do Colégio Anchieta, Padre Balduino Rambo. Interessado desde cedo em Botânica, intensificou seus estudos nessa área dando início ao *Herbarium Anchieta* do Colégio Anchieta em 1932. Estima-se que, em 1960, suas coletas já ultrapassavam o número de 65 mil exemplares da flora brasileira. Desse material, foi gerado o Herbário Didático, que se encontra depositado no Museu Anchieta. Os demais exemplares da coleção botânica do Padre Balduino Rambo hoje integram o acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, em São Leopoldo.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais recebeu esse nome a partir dos anos 1970. Com o falecimento do Padre Pio Buck, em 1972, o museu passou a ser coordenado pelo professor que, durante muitos anos, vinha trabalhando ao seu lado, notadamente auxiliando na coleta, classificação e organização da Coleção Entomológica (insetos): Fernando Rodrigues Meyer. Atualmente, o Museu Anchieta abriga um acervo de diversas tipologias, distribuído em Coleções Científicas, incluindo materiais Biológicos, Geológicos, Arqueológicos e Etnográficos, preservados e catalogados com vistas à pesquisa científica.

No âmbito educacional, a instituição se compromete com o estudo e ensino das ciências naturais por meio de diversas atividades, como aulas práticas, oficinas, visitas guiadas, cursos e exposições destinadas a alunos e professores da comunidade escolar em geral. Para tanto, o museu dispõe de uma Coleção Didática, passível de manipulação, composta por exemplares verdadeiros, réplicas, jogos e diversos objetos pedagógicos.

3º - Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert (Porto Alegre, 1909)



A coleção de minerais e rochas que compõe o acervo do **Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert** iniciou em 1909 com o Gabinete de Mineralogia do professor Englert que lecionava na Escola de Engenharia diversas disciplinas, entre elas a mineralogia. Estima-se que, nessa época, foram compradas da Europa e dos Estados Unidos coleções de minerais e de rochas para a ampliação do acervo. As aulas, junto às coleções, continuavam no Instituto Eletrotécnico, servindo também aos alunos do Curso de Engenharia de Minas, criado em 1945.

Com o início do Curso de Geologia em 1957, as coleções começaram a ser usadas para aulas da disciplina e foram iniciadas as coletas de campo para aumentar a coleção. Em 1961, outra oportunidade para aumentar o acervo da instituição se dá quando galpões de uma feira da indústria civil que ocorrera naquele ano são cedidos à Escola de Geologia e coleções de paleontologia são agregadas à coleção. Em 1970, dá-se a extinção da Escola de Geologia. Em seu lugar, foi criado o Departamento de Mineralogia e Petrologia, agora responsável pelas coleções de minerais e rochas.

A construção do novo prédio, conhecido hoje como *Engenharia Nova*, é concluída em 1972. Com isso, há um aumento significativo do espaço físico do museu. Foram confeccionados 30 móveis de madeira, com 21 gavetas encimadas por uma vitrine, que estão até hoje guardando as amostras de minerais e rochas. Assim, foram reunidas todas as peças em um espaço só, sendo designados um funcionário para auxiliar na manutenção e bolsistas para trabalhos dentro do museu, abrindo-se, então, espaço à visitação.

Em 1985, o Instituto de Geociências foi transferido para o Campus do Vale, a 11 km de distância do Campus Central, na divisa com o município de Viamão. Na oportunidade, foram separadas do acervo do museu em torno de 1000 amostras que já vinham sendo usadas, há tempos, como amostras didáticas. No museu, foi revisado todo o acervo e mobiliário, descartados todos os materiais que não faziam parte do acervo propriamente dito e procedeu-se à informatização do acervo.

4º - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1920)



O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) é uma instituição privada sem fins lucrativos, fundada a 05 de agosto de 1920 por Octavio Augusto de Faria, capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, tenente Emílio Fernandes de Souza Docca, Afonso Aurélio Porto e o Padre João Batista Hafkemeyer, juntamente com o Desembargador Florêncio de Abreu e o apoio decisivo do Governador Borges de Medeiros.

O IHGRGS tem por finalidade promover estudos e investigações sobre História, Geografia, Arqueologia, Filologia, Antropologia e campos correlatos de conhecimento, principalmente centrados no Rio Grande do Sul. Preserva a memória rio-grandense através de fundos documentais e acervos bibliográficos que servem, também, para embasar as investigações e a construção de massa crítica sobre seu objeto de trabalho.

A sede é parte do patrimônio recebido do governo do Estado, em 1948, e foi inaugurada em 25 de março de 1972. Sua construção e instalação tiveram como principal artífice Mário Calvet Fagundes. O edifício conta com três andares. A Sala de Pesquisa e a Biblioteca Tomás Carlos Duarte situam-se no 1º andar; a Sala dos Arquivos, a Biblioteca geral e a Mapoteca, no 2º andar; e o Auditório para 150 pessoas ocupa o 3º andar.

O IHGRGS realizou quatro Congressos de História e Geografia, de âmbito nacional, em 1935, 1937, 1940 e 1945, aos quais concorreram estudiosos dos campos de conhecimento de história, geografia e ciências humanas e sociais e representantes de instituições culturais e universitárias do país e do estrangeiro. O tema do I Congresso foi o centenário da Revolução Farroupilha; o do II Congresso, o segundo centenário da fundação do Rio Grande; o do III Congresso, a fundação de Porto Alegre; e o do IV Congresso, o centenário da Paz de Poncho Verde. Os trabalhos desenvolvidos nos congressos, as teses e as comunicações apresentadas foram publicadas em Anais.

5º - Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre, 1943)



Datada de 1943, a **Pinacoteca Barão do Santo Ângelo** tem origens nos primeiros acervos artísticos do Estado com a criação do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em 1908. Desde então, na intenção de constituir um patrimônio artístico próprio, foram adquiridas de 1910 a 1938, obras de significativa importância como as

Bailarinas de Pedro Weingärtner; Inveja de E. Latour. Ainda por iniciativa do então diretor Libindo Ferrás, foram encomendadas, em 1910, as réplicas da Vênus de Milos e do Apolo de Belvedere, para servirem de modelos às aulas de desenho e escultura, e que hoje estão no saguão de entrada do IA. A partir de 1939, o IBA passou a receber os premiados do Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Em 1943, com a inauguração do novo prédio do Instituto de Belas Artes, a Pinacoteca teve seu espaço físico ampliado, recebendo o nome atual de **Barão de Santo Ângelo**. Em 1992, a Pinacoteca foi reformada e reinaugurada, marcando uma nova etapa na atuação do Instituto de Artes junto à comunidade. A partir de então, vem trabalhando com uma programação ininterrupta de mostras e eventos, consolidando sua posição como um centro de produção e de difusão de conhecimento em Artes Visuais no estado do Rio Grande do Sul.

O Acervo Artístico possui atualmente, entre pinturas, esculturas, obras em papel, em torno de 600 peças catalogadas e com registro patrimonial da UFRGS, resta ainda passar por esses processos aproximadamente 200 obras. Órgão auxiliar do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo é responsável pela conservação, restauração, ampliação e divulgação do patrimônio artístico e documental do Instituto, bem como pelo intercâmbio com a produção artística contemporânea. A Pinacoteca atua na promoção e apoio de exposições e eventos ligados ao ensino, pesquisa e extensão na área das Artes Visuais, através das disciplinas e projetos do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais do IA/UFRGS, com colaboração direta das Pró-Reitorias de Extensão e de Planejamento. Abrange três setores com atribuições específicas, mas complementares: Acervo, Galeria e Restauro.

Os museus mais antigos da 2ª Região Museológica



Museu Municipal de Caxias do Sul (Caxias do Sul, 1947)
Crédito de Imagem: radiocaxias.com.br

1º - Museu Municipal de Caxias do Sul (Caxias do Sul, 1947)



A História do prédio do atual Museu Municipal inicia no ano de 1884, período de sua construção. Seguindo o estilo arquitetônico português, a edificação fora dada inicialmente para servir de moradia à Família de Morandi-Otolini. Na época, a localização privilegiada em um ponto elevado da rua e do município despertou o interesse dos populares e, mais tarde, da administração do município que passou a ambicionar o prédio. Assim, em negociações com a família da propriedade, a prefeitura adquire de seus donos o prédio cerca de 10 anos depois. A partir de então, o sobrado passou a exercer numerosas funções: sede do fórum local, colégio elementar, delegacia de polícia, guarda municipal e, por último, Prefeitura Municipal até o ano de 1974.

Criado por meio da Lei Municipal número 2, de 1947, o museu mais antigo da 2ª Região Museológica foi desativado em 1967 com a demolição do prédio que então ocupava, mas instalado no casarão da Rua Visconde de Pelotas em 1974, quando o lugar é deixado vago pela administração municipal que havia se transferido para o parque onde ocorre atualmente a Festa da Uva.

Atualmente, o museu é composto por um acervo de mais de 12 mil itens que permitem a análise da história local, enfatizando um grande número de áreas de interesse. Está organizado em 20 salas expositivas com seis ambientes de conjuntos temáticos que acolhem tanto exposições temporárias quanto mostras permanentes. As exposições de menor período dão oportunidade a diversos artistas de apresentarem as suas habilidades. Já as exposições de longa duração abordam desde a presença primitiva dos grupos indígenas locais até o processo de imigração europeu do século XIX. Nesse ponto, são identificadas as atividades econômicas relacionadas à área rural e urbana do município: o ofício do agricultor, do sapateiro, do alfaiate, do farmacêutico e do dentista. Ganham destaque também a cultura local, o artesanato, as representações do comércio e da indústria metalúrgica da região.

2º - Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul – Marsul (Taquara, 1966)



O Marsul, instituição da Secretaria do Estado da Cultura, foi criado pelo Decreto Estadual nº 18.009/66, de 12 de agosto de 1966. Seu idealizador e fundador foi o professor da rede estadual Eurico Theófilo Miller, que realizava pesquisas na área arqueológica. Na década de 60, fez parte do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas -

Pronapa. Para atuar nesse programa, necessitava estar ligado a uma instituição. Dessa maneira, possuidor de um acervo arqueológico resultante de pesquisas anteriores, em acordo com o Estado do Rio Grande do Sul, doou seu acervo em troca da criação de uma instituição voltada à Arqueologia.

Inicialmente, o Marsul esteve sediado na própria residência de Eurico Miller e, a seguir, durante doze anos em um frigorífico abandonado. Foi transferido para sede atual em 1977, a partir da doação de um terreno por parte da Prefeitura do Município de Taquara.

O atual prédio onde se situa, às margens da RS 020, possui cerca de mil metros quadrados e abriga mais de três milhões de peças arqueológicas de escavações de sítios pré-coloniais e coloniais brasileiros. Um acervo arqueológico constituído por centenas de artefatos doados por particulares; vestígios arqueológicos oriundos de sítios pesquisados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Rondônia e Amazonas; artefatos provenientes do *Museu Julio de Castilhos*; coleção de fragmentos da cerâmica Marajoara e de Santarém; vestígios arqueológicos do Peru e México; e artefatos etnográficos coletados entre indígenas do Mato Grosso. Conta ainda com esqueletos humanos coletados nas pesquisas, alguns com mais de 4 mil anos de idade.

O museu, infelizmente, não se encontra disponível ao grande público. Com visitação limitada há quase 12 anos, por necessidade de importantes e caras reformas, o Marsul tem recebido apenas pesquisadores que realizam visitas por agendamento.

3º - Museu do Imigrante - Monumento Nacional ao Imigrante (Caxias do Sul, 1967)



A pedra fundamental do **Monumento Nacional ao Imigrante** foi lançada, em 1950, pelo então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, mas sua construção partiu da iniciativa de uma

comissão comunitária que realizou um concurso para definir o melhor projeto dedicado a homenagear os imigrantes italianos do estado. O projeto escolhido foi o de autoria do escultor gaúcho Antônio Caringi. A construção se iniciou em 1951, e a obra foi terminada em 1954, sendo inaugurada por Getúlio Vargas em 28 de fevereiro.

O monumento é constituído por um grande grupo escultórico em bronze representando um casal de agricultores, com uma criança nos braços da mulher. Às suas costas, ergue-se um obelisco com três imagens alegóricas em baixo-relevo, ilustrando a posse e o cultivo da terra e a aliança entre as forças civis e militares sob a proteção divina, além da data 1875, da fundação da cidade. De ambos os lados, existe uma escadaria monumental.

Abaixo das esculturas, foi construída uma cripta, cuja porta, também em bronze, traz a imagem de Luiz Antônio Feijó Júnior recebendo os imigrantes, emoldurada por versos gravados de autoria de Cassiano Ricardo. Sobre a entrada, os dizeres *A NAÇÃO BRASILEIRA AO IMIGRANTE*. O **Museu do Imigrante**, criado pela Lei Municipal de Caxias do Sul, de 14 de junho de 1967, encontra-se atualmente instalado nesse espaço. O seu interior abriga um bom número de peças representativas da colonização alemã, como ferramentas do labor do campo, da lida doméstica e utensílios gerais. Imagens impressas e outras representações artísticas também ilustram as dificuldades pelas quais passaram os europeus durante sua viagem do antigo continente para o Brasil e a, não menos difícil, instalação dos pioneiros na região.

Em 2016, o monumento no qual se encontra instalado o Museu do Imigrante foi declarado um dos símbolos oficiais de Caxias do Sul. Ele atualmente nomeia a principal comenda concedida pelo município, a Medalha Monumento Nacional ao Imigrante.

4º - Museu Municipal Casal Moschetti (Farroupilha, 1972)



Inaugurado em 19 de fevereiro de 1972, o museu localiza-se em uma antiga casa de arquitetura própria, com traços de art déco, que abrigou durante anos a Casa Paroquial local, tendo sido construída em 1958 sob as ordens do Monsenhor Thiago Bombardelli, famoso religioso da região.

O nome da instituição é uma referência aos italianos naturalizados brasileiros Lydia Giannoni Moschetti e seu esposo, Luiz Moschetti. Apesar de ser dedicado ao **Casal Moschetti**, o museu existe para lembrar, principalmente, a vida da filantropa e humanista Lydia Moschetti. A imigrante tinha um carinho especial por Farroupilha e, aos 84 anos, doou todo o acervo pessoal para que fosse eternizado em um memorial. Envolvida com as causas sociais, ajudou na criação do Instituto Santa Luzia, escola profissional para cegos, e na fundação do Banco de Olhos, construído em Porto Alegre e pioneiro no Brasil. Depois de idosa, vendeu a casa e o carro e reverteu o dinheiro para as instituições que auxiliava, passando a morar no próprio Banco de Olhos.

Para a formação do museu, o acervo do casal foi transferido de Porto Alegre para o local, doado pela família. Os móveis são em ébano e as porcelanas são francesas. O acervo é totalmente constituído por peças doadas por Lydia e que pertenciam ao casal, sendo composto por coleção de pratarias, porcelanas, objetos em mármore, móveis esculpturados à mão, livros, pinturas, espelhos e outros tantos de grande valor artístico e histórico, todos do início do século XX.

Logo na entrada do lugar, aparecem textos contando a história do casal e com quadros contendo fotos deles. O restante do museu é dividido como se fosse a própria casa de Lydia, com móveis feitos de ébano, pratarias, esculturas e porta-retratos. Um dos itens é a boneca Lenci, que Lydia ganhou como prêmio em um concurso de canto em um navio, durante uma viagem à Itália. A boneca de porcelana, do tamanho de uma criança de oito anos, tem um olhar peculiar. Isolada em uma das salas do museu, Lenci é motivo de comentários sobre a sua sobrenaturalidade, sendo considerada uma das cinco lendas urbanas de maior expressividade do RS.

5º - Museu Armindo Lauffer (Três Coroas, 1974)



O Casarão de Águas Brancas, o atual prédio onde se instala o **Museu Armindo Lauffer**, representa uma das referências arquitetônicas do início da fundação da cidade de Três Coroas. Fundado em 1856, o lugar abriga um acervo formado por objetos e documentos de tempos remotos coletado por Armindo Lauffer, historiador local, representando um dos mais completos do Rio Grande do Sul

sobre a colonização europeia.

As cozinhas completas com mesas, cadeiras, armários e louças estão dispostas de forma que representam uma área de refeição ainda funcional. No quarto do casal, há o berço do herdeiro ao lado da cama para melhor ser embalado. Roupas de família, fotografias de época e até mesmo um cabideiro com pés-de-cabra podem também ser vistos. Moedas de diferentes épocas e nacionalidades, artigos que contam a história da cidade e região, armas de guerra, também artefatos utilizados pelos índios. Documentos centenários, sapatos e um oratório talhado à mão são passíveis de serem observados. Também está em exposição, no museu, o primeiro telefone usado em Três Coroas e, até mesmo, a chave da porta do Casarão de Águas Claras dos tempos passados.

O historiador iniciou sua coleção em 1945 e ele próprio tomou a iniciativa de organizar o museu que, mais tarde, receberia o seu nome. Incansável na busca de materiais, ele conseguia suas peças por meio de doações, troca, ou mesmo, compra. Dessa forma, em 1973, a coleção já possuía mais de 6 mil itens diligentemente guardados em sua chácara pessoal. Exaurido o espaço para o material, Lauffer aluga, por essa época, duas salas no Bairro Sander para preservar o seu acervo. Sem demora, o espaço disponível se extingue novamente. Em busca de outro espaço, em 1974 loca parte do Casarão de Águas Brancas e dele faz o seu museu.

Armindo Lauffer falece três anos depois de constituir o seu museu, em 1977, e as peças ficam no local. A prefeitura compra a casa em 1982 e, após três anos de restauração, reabre o museu, homenageando aquele que fora o responsável pelo acervo.

Os museus mais antigos da 3ª Região Museológica



Museu Municipal Olindo Feldkircher (Selbach, 1981).
Créditos de imagem: [tripadvisor.com.br](https://www.tripadvisor.com.br)

1º - Museu Olívio Otto (Carazinho, 1972)



O Museu Olívio Otto surge em 1957, quando do falecimento de Antonio Carlos Otto (Negrão), filho de Olívio Otto, em um acidente de avião. Restou da aeronave Paulistinha uma ponta de asa, recolhida pelos familiares e guardada pelo pai, que, junto aos demais pertences do filho, deu início à coleção particular, composta por objetos representativos da história política, econômica e social e de ciências naturais, da localidade e da região. Em 1972, a coleção, já com cerca de 6 mil peças, passa à institucionalização, sob responsabilidade da prefeitura de Carazinho com a denominação de Museu Regional do Planalto.

Em 1978, teve a denominação alterada para Museu Municipal Pedro Vargas, em homenagem ao fundador da cidade. Em 1991, Olívio Otto vem a falecer; ele teve seu trabalho ainda mais reconhecido quando, em 1995, através de um decreto municipal, a instituição tem seu nome alterado para Museu Regional Olívio Otto. Em julho de 2008, o museu é reinaugurado em sua nova sede, e por ter sua definição temática centrada na história local passa a denominar-se MUSEU OLÍVIO OTTO.

Atualmente, ligado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura através de seu Departamento de Cultura, o museu estrutura-se, em virtude da diversidade de acervo em dois núcleos: Núcleo de História e Cultura e Núcleo de Ciências Naturais, além do setor de Salvaguarda e Conservação do Acervo e Extensão. Conta, no momento, com mais de 20 mil peças em seu acervo.

Olívio Otto foi Comissário de Polícia, Delegado da cidade, interventor municipal durante a Segunda Guerra Mundial, comandou a abertura do túnel de Pinhalzinho, foi Rei Momo no Carnaval, incentivou o aeroclube, foi sócio fundador do clube Veterano, primeiro professor de Educação Física do Colégio La Salle, foi patrão do CTG Pedro Vargas e criador do museu da cidade.

2º - Museu Zoobotânico Augusto Ruschi – Muzar (Passo Fundo, 1975)



O Museu Zoobotânico foi fundado em agosto de 1975, mas, somente em 1986, quando faleceu o naturalista Augusto Ruschi, o espaço receberia o seu nome, como homenagem e reconhecimento à sua expressiva e importante dedicação à natureza. Ruschi foi cientista autodidata, que se dedicou especialmente ao estudo de orquídeas e beija-flores e é

considerado patrono da ecologia no Brasil. Em 1986, então, durante o III Encontro Estadual de Botânicos do Rio Grande do Sul, foi formalizada a nova denominação do museu, que passou a se chamar Museu Zoobotânico Augusto Ruschi.

O Muzar, como é mais conhecido, é um setor de apoio do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade de Passo Fundo (UPF) que tem por objetivo manter coleções representativas do patrimônio natural, colaborando na formação técnico-científica de acadêmicos, profissionais da área e integrando o conhecimento com a comunidade na construção de uma educação integral.

O Muzar possui acervo de coleções de zoologia, botânica, paleontologia e geologia, somando aproximadamente 30 mil exemplares. Identifica, conserva e registra coleções didáticas e científicas, para estudo da biodiversidade, exposições, educação museológica e ambiental. Possibilita a inter-relação do ensino, da pesquisa e da extensão, com o envolvimento de acadêmicos, professores e comunidade, oportunizando a formação acadêmica extracurricular e o intercâmbio com instituições similares.

A instituição desenvolve educação ambiental e museal por meio de ações educativas, como assessorias, palestras, oficinas, projetos, mostras de vídeos, exposições itinerantes e trilha perceptiva. Em visitas às exposições e atividades no museu, recebe uma média de 10 mil visitantes por ano e, em atividades extramuros, nos últimos dez anos, atingiu mais de 300 mil pessoas (Relatórios Anuais UPF). O Muzar não tem registro de visitação dos primeiros cinco anos de atividade. A partir de 1980 até 2018, estima-se que passaram pelas exposições do Museu Zoobotânico, em sua sede, aproximadamente 273 mil visitantes.

3º - Museu Histórico Regional (Passo Fundo, 1977)



O Museu Histórico Regional (MHR) foi criado em 1977 por decreto da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, com o nome de Museu Histórico-Cultural. Vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, está localizado no prédio da antiga Intendência Municipal, na Avenida Brasil, nº 758.

O MHR funcionou durante o período de 1977 a 1990. Permanecendo aproximadamente cinco anos desativado, reiniciando suas atividades em 1996, ocasião em que foi firmado um convênio entre a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e a Fundação Universidade de Passo Fundo. Desde então, o museu assumiu a sua designação atual, Museu Histórico Regional permanecendo instalado no mesmo prédio, Antiga Intendência Municipal, também, ocupado pelo Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. Nesta época, em 1996, a administração da instituição fica a cargo da artista plástica e professora de Artes e Comunicação da UPF Roseli Pretto, que dirige a entidade até 2002. Na sequência, a professora da Faculdade de Artes e Comunicação Maria Cezária de Britto Ramos comanda o museu até 2010. Desde então, está à frente do Museu Histórico Regional a museóloga Tânia Aim.

O museu conta com uma equipe de professor, museóloga, auxiliares de museu e estagiários do curso de História da UPF. Além da guarda e divulgação da memória e do patrimônio histórico depositado em seu acervo, a equipe desenvolve atividades de ação pedagógica e educação patrimonial junto a diferentes setores da sociedade, de maneira especial, para as escolas da rede municipal, estadual e particular de ensino. Seu acervo é eclético, com objetos, documentos, fotografia documental e arqueológico. Apresenta artefatos indígenas, fotografias e peças da história local e regional. O acervo é exposto à comunidade através de temáticas que compõem mostras temporárias e itinerantes, centradas na história local e regional.

No ano 2019, a instituição foi integrante do movimento *Outubro Rosa* com a abordagem do crescente interesse da medicina ginecológica e obstetrícia durante o século XX. A mostra esteve relacionada com a campanha mundial que surgiu, na década de 1990, para estimular a participação da população no controle do câncer de mama.

4º - Museu Municipal de Soledade (Soledade, 1980)



Situado em Soledade, a 76 Km de Passo Fundo, encontra-se o quarto museu mais antigo da 3ª Região Museológica.

A instituição teve sua fundação em 1ª de setembro de 1980 e teve, na Lei Municipal nº 1.545/80, o seu ato de criação. Sua sede se encontra no centro do município, na Rua Benjamin Constant, onde há movimentação de pessoas e carros e com presença de muitas

lojas.

Seu prédio discreto conserva importantes elementos da história local; acervo apresentado em bom estado de conservação e organização. O enfoque da instituição é a etnografia, a antropologia e a arqueologia. Como elementos etnográficos, destacam-se o importante acervo de colonização italiana, equipamentos agrícolas, utensílios domésticos, objetos religiosos, moedas, armas, fotografias e documentos. O acervo indígena também é bem representado com seus artefatos de uso diário da lida da cozinha, ritualístico e da prática da terra.

Sendo a região famosa por suas pedras preciosas, o museu municipal também foi sede desse acervo por um bom tempo. Em 2012, quando da fundação do Museu das Pedras Preciosas e Mineralogia Egisto dal Santo, parte expressiva dessas mostras foram transferidas para a nova instituição que passou a tratar especificamente desse tema.

O **Museu Municipal de Soledade** se encontra na Rua Benjamin Constant, nº 60, e seu telefone de contato para agendar visitas e informações é o (54) 3381 1648.

Fonte de consulta e créditos da imagem: soledde.rs.gov.br

5º - Museu Municipal Olindo Feldkircher (Selbach, 1981)



O Museu Municipal foi criado em 1981, através da Lei nº 258/81, então denominado de Museu Humberto Urban. Atualmente, através da Lei Municipal nº 2323/2005, o museu passou a denominar-se **Museu Municipal Olindo Feldkircher**.

A instituição recebeu esse nome para homenagear o Senhor Olindo, uma vez que ele trabalhou na comissão emancipacionista do Município, como secretário, professor do então Ginásio Paroquial São Tiago, membro atuante da Paróquia São Tiago, Sócio Fundador do Clube Aquático Royal, integrante do Coral Municipal São Gregório, e aposentou-se como funcionário municipal.

Para montar a exposição, o município teve ajuda de moradores. O acervo que está disponível no museu foi adquirido através de gincanas, doações particulares, com o objetivo de mostrar como tudo começou na cidade. O museu possui um vasto número de utensílios, desde vestuário, bibliografias, livros em alemão, partituras, dicionários, classes escolares, lousa, utensílios de cozinha e agrícola e eletrônicos diversos.

Em 2017, o curador do Museu Olindo Feldkircher, Jorge Rogelson da Silva, teve a oportunidade de fazer um destaque ao Portal G1 sobre a importância dos meios de comunicação à época em alusão ao seu acervo:

O rádio tinha o papel de ligar as famílias do campo aos acontecimentos do restante do país e do mundo. Na época, haviam sido construídos os chamados 'rádios de fazenda', que funcionavam com baterias de automóveis. Mostrar esse histórico é um resgate. Também um resgate das comunicações no interior do Estado, porque a gente mostra como ao longo do tempo foram se estabelecendo no interior do estado centrais telefônicas, foram se estabelecendo emissoras de rádio, emissoras de TV, jornais, tudo isso com objetivo de fazer com que o agricultor pudesse interagir com o mundo a sua volta.

Fonte de consulta: selbach.rs.gov.br
g1.globo/rs
Créditos de imagem: tripadvisor.com.br

Os museus mais antigos da 4ª Região Museológica



Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí, 1961).
Crédito de Imagem: jornaldocomercio.com.br

1º - Museu das Missões (São Miguel das Missões, 1940)



Inaugurado em 1940, por ordem do presidente Getúlio Vargas, que assim decretou: O museu terá a “finalidade de reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela

Companhia de Jesus naquela região do país”. O **Museu das Missões**, no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, no município de São Miguel das Missões/RS, abriga a maior coleção de arte sacra missioneira do país. São quase 100 peças de diversos estilos reunidas em um prédio que imita as habitações dos missioneiros. Projetado pelo arquiteto Lucio Costa, o museu foi criado com a intenção de abrigar, em um só local, as esculturas sacras missioneiras e os fragmentos arquitetônicos das antigas reduções que se encontravam espalhados pela região.

Seu acervo é composto por artefatos de metal, esculturas de arte sacra, em madeira e arenito, que vão de 15 cm a 2,20m, fragmentos diversos em madeira, peças da coletânea arqueológica em cerâmica e elementos arquitetônicos em madeira e arenito. Entre as peças, está um sino de 1,8 toneladas, fundido em bronze pelos índios. O acervo proporciona o contato com um povo e uma cultura única em todo o continente, formados a partir de uma combinação absolutamente singular entre os costumes do homem branco e dos povos guaranis.

Todo esse conjunto de obras representa uma das mais importantes coleções públicas de esculturas sacras missioneiras que existem no mundo. A maioria das imagens foi recolhida na região por João Hugo Machado, primeiro zelador do museu. A população também ajudou, recolhendo as obras dos antigos povoados que se encontravam em espaços gerenciados pelos moradores, em residências particulares e capelas comunitárias. O museu recebe mais de 60 mil pessoas por ano, de todas as regiões do Brasil, Europa, Ásia e América do Sul.

2º - Museu Municipal de Guarani das Missões (Guarani das Missões, 1961)



Fundado em 1961, o bem estruturado e conservado prédio do **Museu Municipal de Guarani das Missões** apresenta um dos mais importantes acervos indígenas do país e retrata a história da etnia Guarani na região. Apesar de pequeno e modesto, o museu tem a habilidade de contar a relevante história de nosso estado através de sua rica arte sacra

produzida em madeira pelos indígenas no período jesuítico.

A história mais recente de Guarani das Missões, município onde se encontra a instituição museológica, inicia-se em 1891. Os seus primeiros colonizadores foram os suecos, mas depois vieram uma série de outros grupos europeus, como os poloneses, italianos russos, portugueses, tchecoslovacos, austríacos, espanhóis e ucranianos. Essa grande miscigenação de etnias e diferentes culturas são ainda percebidas pelos hábitos e costumes distintos entre a população do município. Os poloneses, no entanto, é o grupo que tem na região a sua maior colônia. Por essa razão, a cidade de Guarani das Missões é conhecida nacionalmente como *A Capital Polonesa dos Gaúchos*. Em 1991, reforçando essa importante característica, foi comemorado o Centenário da Imigração Polonesa e criado o BRASPOL, entidade representativa dessa etnia.

A denominação *Guarani das Missões*, por sua vez, foi assumida somente em 1950. Como o nome sugere, a expressão que deu nome ao município deve-se à etnia indígena que, por muito tempo, povoou a banda oriental do Rio Grande do Sul e influenciou fortemente a população do sul e do Brasil em sua cultura e idioma.

Em relação à economia local, há o predomínio da atividade agropecuária. O agronegócio se destaca no município, principalmente na transformação de grãos de soja em óleo vegetal, é pioneira no incentivo a plantação de canola, girassol e linhaça, teve uma das primeiras fábricas de óleo de linhaça do Brasil, do professor Izidoro Osowski. Já, na pecuária, sobressai-se com a bovinocultura de leite, criação de suínos e bovinos de corte.

Um pouco dessas e de outras histórias do município podem ser vistas no Museu de Guarani das Missões, que está aberto de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 17h30. Contato através do telefone (55) 3353 1217.

Fonte de Consulta: guaranidasmissoes.com.br
turismo.rs.gov.br

Créditos de imagem: portaldasmissoes.com.br

3º - Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí, 1961)



O Museu Antropológico Diretor Pestana, mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – Fidene, foi criado em 25 de maio de 1961, junto ao Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – FAFI – com o objetivo de resgatar e preservar a memória regional, promover a cultura, a educação e o lazer. O

Museu Antropológico Diretor Pestana é centrado na preservação da história e memória do município de Ijuí. Para cumprir tal objetivo, preserva documentos bibliográficos, cartográficos, sonoros, audiovisuais e iconográficos, os quais resgatam aspectos significativos da história do município.

O acervo da Divisão de Documentação do Museu Antropológico Diretor Pestana vem sendo constituído ao longo das últimas décadas e abriga documentação de natureza pública e privada relacionada ao município de Ijuí e da região noroeste do Rio Grande do Sul. Em seu conjunto documental, encontra-se registrada e preservada parcela significativa da memória regional, o que o torna referência para estudantes, pesquisadores e estudiosos da cultura e da história de Ijuí e região. Essa documentação está classificada nos seguintes arquivos: Ijuí, Regional, Sindicalismo, Cooperativismo, Kaingang, Guarani e Xetá e FIDENE, totalizando 975,41 metros lineares de documentos. É organizada em arquivos e coleções de importância fundamental para a história do município. Complementa essa documentação a hemeroteca, constituída por 40 títulos relacionados à cidade de Ijuí, Estado do Rio Grande do Sul e Brasil, considerados de cunho histórico e de grande relevância. Constituir-se em “síntese da evolução da região pela mão do nosso homem...” era, segundo seus fundadores, o objetivo a ser perseguido. Buscando concretizar esse objetivo, o museu preserva tanto documentos textuais/bibliográficos e iconográficos como museais, permitindo, assim, o resgate e preservação da memória de forma globalizada e a disponibilização do acervo aos pesquisadores.

Instalado, inicialmente, em prédio alugado, possui hoje sede própria, com área de 1.618 m², climatizada, oferecendo as condições ideais para conservação do acervo constituído por mais de 29 mil peças museais. Esse acervo é disponibilizado através das exposições permanente e temporárias e outras atividades educativo-culturais.

4º - Museu e Arquivo Antropológico Professor Hermann Wegermann (Panambi, 1968)



Localizado nas dependências do Parque Municipal Rudolfo Arno Goldhadt, o **Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann** ou, simplesmente, Museu e Arquivo Histórico de Panambi, possui acervo constituído por diversos objetos e documentos que tratam da história e da cultura da região. Em relação às

temáticas, versa desde a História à Antropologia, das Ciências Naturais à Tecnológica.

Constituído em 1968, o museu teve sede inicial no Colégio Evangélico Panambi. Até então instituição privada, o museu é municipalizado em 8 de novembro de 1989, quando passa a integrar a estrutura pública de Panambi. No ano seguinte, ocorre a mudança de sua sede, e o seu acervo é transferido para a sua nova casa, o antigo casarão da Rua General Osório, conhecido como *Castelinho*. O novo endereço, no entanto, não dura muito. Cinco anos depois, em 1995, o museu é transferido para o Parque Municipal, junto ao ginásio de esportes, onde se encontra até agora.

O acervo da instituição fora obtido com muito esforço ao longo de suas mais de cinco décadas de existência. Dentre suas inúmeras peças, destacam-se: uma réplica da Catedral de Ulm (Alemanha), urnas funerárias indígenas e coleções com mais de 1,5 mil borboletas. Atento a todos os públicos, o local dispõe de ampla acessibilidade física. O museu possui corrimãos nas escadas, rampas para cadeirantes, estacionamento com previsão de vagas para pessoas com deficiência e idosos.

O Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann está situado na Avenida Konrad Adenauer, nº 355, atendendo habitualmente das terças às sextas-feiras. Para agendamento e outras informações, possui o telefone (55) 3375 3292.

5º - Museu Casa Érico Veríssimo (Cruz Alta, 1969)



O prédio que abriga o museu foi construído por volta de 1883 e comprado pelo avô Franklin Veríssimo uma década depois da construção, ficando nas mãos da família até o ano de 1930. Em 1968, mais de 30 anos

após leilão da casa da família Veríssimo, a Prefeitura Municipal de Cruz Alta comprou o prédio para criar o museu. A instituição foi inaugurada em 19 de janeiro de 1969 e funciona como Museu Municipal desde então.

Erico nasceu nessa residência em 17 de dezembro de 1905. Na Sala da Terra, os visitantes podem conhecer o “Álbum de Família”, em que são apresentados todos os membros da família Veríssimo. Um grande portão de ferro abre a casa aos visitantes, que ainda se deparam com um quintal e, no fundo dele, com uma árvore de canto, uma nespereira, que teve imensa importância para o escritor, pois o acompanhou em suas escritas e leituras durante a adolescência e também em sua infância, quando brincava por lá. A árvore tem tamanha importância para o escritor, que seu segundo nome, *Ameixeira do Japão*, faz parte de um dos capítulos de sua autobiografia.

A carreira literária de Erico se despontou quando ele mudou para Porto Alegre, em 1930. Lá, ele teve contato com diversos outros escritores já renomados, a exemplo de Mário Quintana. O primeiro livro de sua autoria, na categoria “contos”, é lançado, em 1932, com o título *Fantoches*. E o primeiro romance surge em 1933, *Clarissa*, nome que deu a sua filha. Sendo um dos autores brasileiros mais conhecidos no exterior, com obras editadas em mais de 15 idiomas, Erico escreveu 36 obras, entre romances, novelas, contos, memórias, narrativas infanto-juvenis e de viagens.

Em 1984, o prédio onde hoje se instala o museu foi tombado pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado). Atualmente, é administrado pela Prefeitura Municipal de Cruz Alta, através da Secretaria Municipal de Cultura. No museu, os visitantes podem ter acesso aos objetos pessoais, livros, fotos, rascunhos e originais das obras e demais vídeos originais sobre a vida do escritor.

Os museus mais antigos da 5ª Região Museológica



Museu Histórico Barão do Santo Ângelo (Rio Pardo, 1935).
Crédito de Imagem: riopardo.rs.gov.br

1º - Museu Vicente Pallotti (Santa Maria, 1935)



No ano de 1935, no distrito de Vale Vêneto em São João do Polêsine, Padre José Pivetta e Padre Valentim Zamberlan, peritos em taxidermia, iniciaram o Museu empalhando um quati que faz parte do acervo da instituição até hoje. Por falta de espaço, em 1959, o material museológico é transferido para o Colégio Máximo Palotino, em Santa

Maria, onde ele é organizado e enriquecido com a coleta de objetos variados e fósseis do estado do Rio Grande do Sul. No dia 7 de janeiro de 1965, o museu recebia o primeiro fóssil, escavado no famoso Cerro da Alemoa, próximo à cidade de Santa Maria. A partir dessa data, o seu crescimento se tornou célebre, graças, especialmente, aos esforços de Daniel Cargnin e Abraão Cargnin.

Em 17 de dezembro de 1982, por meio da Lei nº 2440/82, o Museu é considerado utilidade pública municipal. Ao longo do tempo, ele recebeu várias doações dos Padres Palotinos e da comunidade em geral. No decorrer desses anos, no entanto, o Museu Vicente Pallotti transformou-se em um grande depósito de objetos, e por esse motivo, todo o acervo encontrava-se em precária conservação. No ano de 1994, com o intuito de resolver seu problema estrutural, foi iniciada a primeira fase de organização, que se estendeu ao ano de 1998. Com esforço, obtiveram-se pequenas melhorias. No início do século XXI, procedeu-se à segunda fase de organização do Museu, processo este que se estende até a atualidade, respeitando sempre as particularidades da instituição.

A Sociedade Vicente Pallotti, proprietária e mantenedora do Museu, investe no momento atual de maneira permanente na estruturação e conservação da instituição museológica, pois acredita que este é um espaço para se pensar o presente e refletir o futuro. É um universo de conhecimento, que mantém a memória viva e auxilia na transformação social. Em vista disso, o museu, bem como a exposição, possui um papel de instrumento, entre outros, da implementação do patrimônio em uma dinâmica de desenvolvimento.

2º - Museu Histórico Barão do Santo Ângelo (Rio Pardo, 1935)



Situado na Rua Almirante Alexandrino, nº 1096, o **Museu Histórico Barão do Santo Ângelo** destaca-se no sobrado onde se encontra por sua imponente arquitetura colonial de 1790, construída em barro e madeira. A sua fundação, no entanto, é datada de 1935, sendo inaugurada com uma exposição de objetos utilizados na Revolução Farroupilha, onde teve como palco o

município de Rio Pardo. Em 1939, o museu foi reconhecido como de utilidade pública. Objetos indígenas e armas de desbravadores estão sob a guarda daquela instituição municipal. Há ainda uma senzala doméstica e mobília de jacarandá de 1811. São cerca de 950 peças que contam a história de Rio Pardo e um pouco da história do Rio Grande do Sul.

O lugar, desde a sua fundação, careceu incessantemente de reformas e alterações importantes em sua estrutura devido às más condições de seu edifício. Em alguns momentos, as visitas ao importante acervo tiveram de ser interrompidas ou, até mesmo, canceladas devido ao risco iminente de algum acidente.

O museu é o local que abriga o mobiliário da primeira Câmara de Vereadores do município. Cadeiras e armários do legislativo podem ser vistos e admirados, embora percebidos com alguma deterioração devido às infiltrações do prédio. Em um dos setores do prédio, é possível ver também uma réplica do uniforme dos Dragões de Rio Pardo - soldados preparados para combater a pé e a cavalo que subsistiram no município por 82 anos. Constituído inicialmente por casaco, calça, colete, punhos, jabô (espécie de gravata em forma de lenço) e polainas, aproveitaram-se apenas o casaco e as polainas após uma necessária reforma na indumentária. Por outro lado, das peças de vestuário que faziam parte do acervo do museu, falta atualmente o pala de seda usado por David Canabarro na Batalha do Barro Vermelho, na Revolução Farroupilha, em 1838.

No primeiro andar do Museu Barão de Santo Ângelo, destaca-se a *Sala Açoriana*, que apresenta aos visitantes trajes completos vindos da ilha portuguesa. Algumas de suas peças, infelizmente, também sofreram com as intempéries e as sucessivas reformas e se perderam. Após a Sala Açoriana, por fim, avista-se a *senzala*, uma das áreas mais marcantes do prédio.

3º - Museu Educativo Gama D'Eça (Santa Maria, 1968)



Criado em 23 de julho de 1968, na gestão do reitor José Mariano da Rocha Filho, o **Museu Educativo Gama D'Eça** possui exposições permanentes, temporárias e itinerantes, de temas variados e que mantém viva a história de Santa Maria. O prédio onde se encontra foi construído em 1913 para o Dr. Astrogildo César de Azevedo. Essa casa foi projetada pelo arquiteto alemão Theodor Wiederspahn e os trabalhos de construção acompanhados pelo engenheiro Henrique Schultz, abrangendo uma área de 533,80 metros quadrados, distribuídos entre seus dois pisos.

Pertencente a 5ª Região Museológica do Rio Grande do Sul, desenvolve projetos educacionais e promove seminários, palestras, cursos e visitas mediadas, o que revela sua preocupação em educar. O museu se preocupa com a preservação, catalogação, ampliação e recuperação do seu acervo permanente. As exposições temporárias procuram salientar fatos que se destacam e preocupam a comunidade, como as exposições sobre Fontes Alternativas de Energia e Preservação do Meio Ambiente e Plantas Medicinais. O museu também pesquisa atividades e personalidades históricas, em âmbito nacional ou mundial.

No final da gestão do reitor Derblay Galvão, o Museu Victor Bersani, da SUCV (Sociedade União dos Caixeiros Viajantes), foi anexado ao Museu Educativo Gama d'Eça, isto representou uma doação valiosa para a Universidade, com mais de 3.500 peças, a maioria da área de história.

O museu foi nomeado em homenagem a José Maria da Gama Lobo D'Eça, o Barão de Saicã, que nasceu na Armação de Alagoinha, Ilha de Santa Catarina, em 15 de setembro de 1793. Filho do brigadeiro José da Gama Lobo Coelho d'Eça e de Elisa Joaquina da Conceição Coimbra, assentou praça no regimento sob o comando de seu pai, como cadete, aos 5 anos de idade; aos 15 anos, participou da Campanha Cisplatina como tenente; aos 17, assumiu o comando da Companhia de Granadeiros e Coronel de Milícias, operando nas Missões. Veio a Santa Maria por ordem do Visconde de Castro, para aqui estabelecer seu Quartel General.

Fonte de consulta: ufsm.br

wikipedia.org

Créditos de imagem: tripadvisor.com.br

4º - Museu Municipal Apparício Silva Rillo (São Borja, 1969)



O **Museu Municipal Apparício Silva Rillo** foi instalado no prédio atual em 1969, na Travessa Albino Pfeiffer, nº 84, Centro, com objetivo de ser um espaço de resguardo e exposição de peças relacionadas à história da cidade.

Nessa época, o museu ainda não tinha um nome específico, sendo chamado apenas de Museu Municipal. Seu acervo trazia

características da história de São Borja, desde a sua fundação até a atualidade. Cinco anos depois, em 1974, passou a denominar-se Divisão de Biblioteca, Museu e Arquivo Histórico Municipal.

De acordo com a Lei nº 2559, de 1997, passou a denominar-se Museu Municipal Apparício Silva Rillo, como forma de homenagear Rillo, que é poeta, compositor e historiador dedicado à história de São Borja. Tem como missão tornar-se um local de intercâmbio entre pessoas, culturas e conhecimentos, através da divulgação e valorização da história missioneira de São Borja, preservando, assim, por meio de ações culturais, que atuam e interagem com a sociedade de São Borja, de forma dinâmica e contemporânea, amparadas através de estudos.

O museu conta com uma valiosa coleção estatuária missioneira, raríssimas peças de escultura em madeira da época das missões jesuítas e motivos religiosos em arte barroca e pesquisa. Atualmente conta com 563 peças diversificadas para pesquisa e exposição, sendo que 38 peças fazem referência à herança missioneira da cidade. Por essas características, o local também é conhecido como “Museu Missioneiro”. É possível encontrar peças raras feitas e esculpidas na região no período jesuítico. São imagens de santos, mártires e anjos guerreiros, além de sinos, objetos antigos do catolicismo e pedras com inscrições centenárias.

Dentre as imagens que mais se destacam, estão a de Santo Isidro Lavrador, que, na época reducional, costumeiramente, era levado juntamente com os índios que trabalhavam na lavoura para abençoar o seu trabalho; a estátua do Senhor dos Passos, em tamanho natural; e a principal, mais importante e rara obra missioneira, uma pintura em óleo e têmpera sobre madeira, pintura de Nossa Senhora do Socorro, de formato irregular e simétrico.

5º - Museu de Arte Sacra de Rio Pardo (Rio Pardo, 1975)



O Museu de Arte Sacra de Rio Pardo é um museu brasileiro, localizado na capela São Francisco, na cidade de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. O museu fica na Rua São Francisco, nº 277, é privado e mantido pela Associação Zeladora Capela São Francisco.

O museu de arte sacra, um dos primeiros do estado, foi fundado, em 1975, por Biagio Tarantino, um historiador nascido na cidade e grande defensor do patrimônio histórico local. O acervo é composto por peças sacras, artesanato indígena, paramentos e objetos religiosos. Em 2007, o prédio foi tombado pela prefeitura, porém, em 2010, foi interditado devido às más condições de conservação. O acervo foi transferido para a Matriz do Rosário. Em 2013, foram feitas algumas obras mais urgentes com recursos reunidos pela comunidade, totalizando cerca de 150 mil reais, mas isso é apenas uma pequena fração do projeto de restauro completo, que ainda está em tramitação para captação de recursos através de leis de incentivo à cultura.

O local onde o museu se encontra se dá em uma das igrejas mais antigas do estado e uma das poucas sobreviventes do estilo barroco, aqui representado em uma versão tardia e muito despojada. Em seu acervo, destaca-se as cinco imagens da Via Sacra, mais uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte e outra de Nossa Senhora da Glória, todas em tamanho natural. Foram doadas à capela, em 1807, por Joaquim José de Oliveira, vice-ministro da irmandade, com a condição de jamais serem emprestadas para outras capelas ou igrejas.

A capela São Francisco, por sua vez, foi construída provavelmente a partir de 1785, trinta anos depois da provisão que instituiu o culto, mas a data foi transmitida apenas pela tradição, já que seu arquivo original foi perdido em um incêndio da capela-mor em 1853, que destruiu também imagens, talha e objetos litúrgicos. O culto teria iniciado em 1812, ainda com o prédio incompleto. Depois do incêndio, foi recuperada pela irmandade, que procurou restaurar sua aparência original, sendo reinaugurada em 1857.

Os museus mais antigos da 6ª Região Museológica



Museu Municipal Lanceiros do Sul (Caçapava do Sul, 1970).
Créditos de Imagem: farrapo.com.br

1º - Museu Municipal David Canabarro (Santana do Livramento, 1952)



O Museu Municipal de Santana do Livramento, hoje localizado na Rua dos Andradas, ganha notoriedade no município e arredores por se tratar do museu mais antigo da 6ª RM. Fundado em 1952, a entidade museológica tem como foco temático a vida do general farroupilha David José Martins, mais conhecido como David Canabarro.

Através de um ambiente simples, o **Museu Municipal David Canabarro** exibe imagens e peças que contam a história do rebelde. Armas de fogo e espadas utilizadas nos sucessivos conflitos regionais e nacionais podem ser visualizadas e admiradas pelos turistas que visitam a instituição.

Nascido em Taquari em 1796, o personagem homenageado pelo museu iniciou sua carreira militar com apenas 15 anos, solicitando ao pai licença para se integrar às conflagrações na Primeira Campanha Cisplatina. Terminada a campanha, Canabarro regressa ao lar. O irrequieto jovem, no entanto, permanece em casa por pouco tempo. Logo estaria novamente à disposição de seu país, desta vez para combater Artigas, no Uruguai. Já, na Guerra Cisplatina (1825-1828), teve papel predominante no conflito que culminou com a independência do Uruguai. Tais feitos lhe valeram os galões de tenente efetivo do Exército Nacional.

Na Revolução Farroupilha, inicialmente, conservou-se indiferente aos acontecimentos políticos. Tendo a ela se juntado tardiamente, iniciou na revolta como um mero tenente. Mas rapidamente galgou postos, assumindo o comando em junho de 1843 quando Bento Gonçalves, para evitar a cisão entre os republicanos, desligou-se do comando e passou a servir sob as ordens do próprio Canabarro. Como chefe dos revoltosos, David Canabarro aceita a anistia oferecida pelo governo em 18 de dezembro de 1844, através do Duque de Caxias, e a dada revolta é encerrada no ano seguinte.

Sua participação no cenário dos combates se encerra na Guerra do Paraguai. O personagem, no entanto, falece antes do encerramento do conflito, aos 70 anos de idade, no município de Santana do Livramento.

Fonte de Consulta: wikipedia.org
turismo.rs.gov.br

Créditos de Imagem: tripadvisor.com.br

2º - Museu Dom Diogo de Souza (Bagé, 1956)



Em 2 de maio de 1955, foi inaugurada a Exposição Histórica e Cultural de Bagé, na sede do Centro Social Católico, na Avenida General Osório, esquina com a Rua Professora Melanie Granier, para assinalar o bicentenário de nascimento de Dom Diogo de Souza,

fundador de Bagé. A iniciativa foi do historiador Tarcísio Antônio Costa Taborda, que reuniu farto material cedido por diversas pessoas da comunidade. No encerramento da exposição, o Secretário de Educação e Cultura do Estado, Liberato Salzano Vieira da Cunha, anunciou a fundação do museu de Bagé e solicitava que o material exposto fosse doado para a formação do novo museu. Em 20 de setembro de 1956, o Museu Dom Diogo de Souza foi ali inaugurado, permanecendo naquele local até 22 de março de 1975, quando se transferiu para a atual sede da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fruto do empenho de Tarcísio junto ao então prefeito de Bagé Antônio Pires. Posteriormente, foi celebrado convênio com a Fundação Áttila Taborda, que assumiu a manutenção do museu.

Pertencente à Universidade da Região da Campanha, o Museu Dom Diogo de Souza possui um acervo com mais de 2.000 obras oriundas de doações da comunidade que retratam a história do Brasil, do Estado, de Bagé, da campanha e da fronteira oeste, como vestuário, objetos pessoais, artigos de casa e móveis. É possível encontrar objetos do cotidiano dos indígenas que habitavam a região, fardamentos e armas dos grupamentos espanhóis e portugueses do século XVIII, documentos, cartas, fotografias e objetos das Revoluções Farroupilha (1835 – 1845) e Federalista (1893) e da Revolução Libertadora (1923). Na Hemeroteca Isidoro Paulo de Oliveira, encontram-se a coleção de periódicos e revistas de Bagé e RS, objetos do cotidiano, imagens sacras, vestuário, coleção de numismática (cédulas e moedas), documentos, biblioteca de Autores Bageenses, além da Biblioteca de Tarcísio Antônio da Costa Taborda. Ainda, a Fototeca Túlio Lopes conta com um acervo de aproximadamente cem mil fotos.

3º - Museu Paulo Firpo (Dom Pedrito, 1968)



A sede onde se encontra o **Museu Paulo Firpo** se dá em uma antiga e bem conservada casa no centro de Dom Pedrito. Sua construção vem do início do século XX, 1902, para ser moradia casal coronel João Antônio e de Luiza Caminha. O casal, no entanto, permanece ali por pouco tempo. Em 1904, o imóvel passa à propriedade do casal Constantino e Rosalina Louzada, que estabeleceu no lugar uma pequena fábrica de calçados e de reparos em couro.

Local versátil, a casa passa a constituir uma escola particular, em 1912, e, entre os anos de 1926 e 1927, torna-se sede do *Lyceu Pedritense* e a *Casa de Saúde*, ambas as instituições dirigidas pelo Dr. Tello Gonçalves.

Adquirida pelo Partido Libertador (1962), a casa serve como sede da ARENA, do Centro Cívico Raul Pilla, da Banda Municipal e de uma escola de Bagé, esta atuando até o ano de 1986. Após longo processo, o Partido Libertador oferece o imóvel para sediar o Museu Paulo Firpo que se instala no prédio em 1987 e permanece lá até agora.

O diretor da instituição é o professor e museólogo Adilson Nunes de Oliveira. Competente, intuitivo e mobilizador, está à frente do museu praticamente desde sua criação e é o responsável pela coordenação da 6ª Região Museológica.

A instituição da qual o Sr. Adilson é responsável possui um acervo bastante diversificado. Possui peças indumentárias da tradição gaúcha, louça, cerâmica, prataria, heráldica, etnografia, arte sacra, armaria, mobiliário e outras. Possui também coleções de grande relevância para a memória local e do Estado: uma *Fototeca* com quase 3.500 fotos; *Hemeroteca*, com aproximadamente 7 mil exemplares de jornais; uma *Biblioteca* com peças do século XIX, incluindo edições de autores de Dom Pedrito; uma relevante coleção de moedas de vários períodos; e um importante acervo de Petrologia, integrado por rochas e minerais, cristais, mármore, madeiras petrificadas e peças líticas indígenas.

Fonte de Consulta: turismo.rs.gov.br
tripadvisor.com.br
Créditos de Imagem: dompedrito.rs.gov.br

4º - Museu Municipal Lanceiros do Sul (Caçapava do Sul, 1970)



Antigo reduto farroupilha, a casa do Centro Municipal de Cultura de Caçapava do Sul - onde há 180 anos as tropas rebeldes se estabeleceram após expulsar o Exército Imperial Brasileiro - hoje abriga a Biblioteca Pública Domingos José de Almeida, com mais de 8.840 volumes, o Arquivo Histórico Nicolau Silveira Abrão e o **Museu Lanceiros do Sul**.

O museu conta com mais de 400 peças no seu acervo. Foi organizado a partir da coleta de peças na comunidade, instalado inicialmente em prédio locado. Em 1988, foi incorporado ao Centro Municipal de Cultura, passando o acervo para o prédio Reduto Farroupilha na Rua XV de Novembro. Suas coleções possuem fósseis de centenas de milhões de anos - com destaque para as ossadas pré-históricas do *Megatherium*-, artefatos neolíticos indígenas, pré-contato europeu e peças que mostram o cotidiano dos últimos dois séculos de história de Caçapava do Sul. O Museu guarda a memória de várias Guerras do século XIX, como a Revolução Farroupilha, a Revolução Federalista e a Guerra do Paraguai.

A reabertura do museu após um importante momento de restauro em 2017 passou a apresentar quatro salas de exposição: a de Pré-história e Arqueologia; a de Cotidiano; Guerra e Trabalho e, por fim, a última, de Escravidão e Mineração. O Centro de Cultura também possui uma pequena e aconchegante galeria de arte, o Corredor da Imagem, espaço nobre organizado para receber as obras de fotógrafos e artistas.

A partir da Farrapofesta de 2003, encontra-se hasteada, permanentemente, a Bandeira Farroupilha em frente ao Centro Municipal, localizado na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Barão de Caçapava. O horário de funcionamento é de segunda a sexta feira, das 9h às 15 h, sem fechar ao meio dia. Para visitas nos finais de semana, consultar a Secretaria de Turismo, através do telefone 55 3281-1599 e contato eletrônico turismo.secultur@gmail.com.

Fonte de Consulta: turismocacapavadosul.com.br
prefeitura.cacapava.net
Créditos de Imagem: farrapo.com.br

5º - Museu Municipal General Honório Lemes (Rosário do Sul, 1973)



O **Museu Municipal General Honório Lemes**, fundado em 1973 e situado na esquina da *Marechal Floriano Peixoto* com a *Amaro Souto*, reúne objetos do General Honório Lemes. Dentre o seu acervo, verificam-se objetos da batalha do Poço do Rosado, um busto do Marechal José de Abreu, instrumentos musicais, equipamentos de reprodução sonora e jornais que contam um

pouco da história local e a do personagem homenageado pela instituição.

Honório Lemes nasceu em 23 de setembro de 1864 no município de Cachoeira do Sul. Proprietário de uma pequena estância, pobre e quase analfabeto, admirador de Gaspar da Silveira Martins, ao rebentar a Revolução Federalista, em 1893 (aos 29 anos), ingressou como simples soldado nas fileiras revolucionárias, chegando ao posto de coronel. O seu cognome, “Leão do Caverá”, foi-lhe dada em função do amplo conhecimento que tinha da Serra do Caverá, onde batalhou na brigada comandada pelo coronel. Terminada a luta em 1895 (aos 31 anos), voltou a se dedicar às lides campeiras.

Em 1923 (aos 59 anos) voltou a pegar em armas, dessa vez para lutar contra a posse de Borges de Medeiros, que havia sido reeleito para o quinto mandato consecutivo no governo gaúcho. Em novembro do ano seguinte, voltou a rebelar-se, dessa vez em apoio aos jovens oficiais militares que, liderados por Luís Carlos Prestes, sublevaram unidades do Exército no interior gaúcho contra o governo do presidente Artur Bernardes. Em 1925 (aos 61 anos), foi preso e levado para Porto Alegre, porém, conseguiu fugir e exilou-se na Argentina. Deixou sua família na extrema miséria após sua morte, poucos dias antes do início do movimento armado que levaria Vargas à presidência da República.

Estas e outras histórias podem ser vistas e admiradas no lugar. O museu dispõe de exposições temporárias e permanentes e está aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h.

Os museus mais antigos da 7ª Região Museológica



Museu Histórico Farroupilha (Piratini, 1953).
Crédito de Imagem: mochilinhagaucha.com.br

1º - Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense (Pelotas, 1904)



Cidade polo do Sudeste do estado do Rio Grande do Sul, Pelotas é reconhecida nacionalmente por sua produção cultural e potencial turístico. Localizada entre a capital, Porto Alegre, a fronteira Sul (Brasil-Uruguai) e o Super Porto de Rio Grande, é referência também em saúde, educação e economia. É o maior centro urbano de uma região que, matriz

histórica do RS, agrupa hoje mais de um milhão de habitantes. Nessa linha, insere-se o **Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense**, um dos mais antigos do Brasil – fundado em janeiro de 1904 – e responsável pela preservação de um acervo de riqueza inestimável. Sendo um dos mais antigos setores da *Bibliotheca Pública Pelotense*, o Museu Histórico da BPP é parte fundamental para o cumprimento de sua missão de proporcionar o desenvolvimento cultural da comunidade local.

Desde a fundação da *Bibliotheca*, um grande número de doações de peças e documentos relacionados à memória histórica do extremo sul do país. Foi para dar organização e abrigo institucional a este acervo que, em janeiro de 1904, foi criado o Museu Histórico da BPP por Baldomero Trapaga Y Zorrilla. Mais adiante, a parte bibliográfica seria incorporada ao acervo geral. Em 1933, o museu ganhou novo vigor com a chegada de Henrique Carlos de Mores, que assumiu até 1980. Mores deu novo dinamismo ao museu. Revitalizado em 2003, valoriza as peças de maior significado histórico, como o lenço Farroupilha, o sinete da República Rio-Grandense e o revólver usado por Chico Diabo, que, na Guerra do Paraguai, teria causado o ferimento mortal em Francisco Solano López.

Atualmente, o Museu Histórico atende cerca de 9 mil pessoas ao ano e conta com uma diversa agenda de exposições e eventos, como: I Semana Indígena, Primavera dos Museus, Dia do Patrimônio, Semana das Crianças com exposição dos trabalhos das crianças do Centro de Referência de Assistência Social, Outubro Rosa, Feira do Livro e Semana da Consciência Negra.

2º - Museu Histórico Farroupilha (Piratini, 1953)



O **Museu Histórico Farroupilha** teve sua fundação, em 11 de fevereiro de 1953, pelo então governador Ernesto Dornelles. Dentre razões que levaram as autoridades estaduais a instalarem a instituição naquele município, pesou muito o fato de Piratini concentrar o maior

conjunto arquitetônico tombado pelo Patrimônio Histórico, em âmbito estadual e nacional. E a condição de maior relevância foi o fato de o município de Piratini ter se tornado a sede provisória do movimento farrapo, e o casarão, onde se instalou a instituição museológica, ter dado espaço ao Ministério da Guerra da República Rio-Grandense durante o período de revolta que se deu entre os anos de 1835 e 1845.

No acervo que compõe o museu, encontram-se conjuntos de peças de diferentes épocas e de diversos temas: objetos pessoais de Bento Gonçalves e sua família, como o livro de orações de sua esposa, Caetana, onde eram guardados documentos da Revolução; o termo de posse e condecorações do líder; telas sobre a Guerra dos Farrapos, como um imenso painel em óleo sobre tela, que retrata a fuga de Anita Garibaldi; mobiliários do século XIX; moedas do período colonial até os nossos dias; objetos do cotidiano, como máquinas de costura, xícaras, talheres, palmatórias; a urna que elegeu Bento Gonçalves como presidente; fardas da Guarda Nacional; lenços farroupilhas; armas brancas; vestuários e imagens sacras, entre outros.

O trabalho com as escolas para pesquisas e complementação dos temas de aula é e atualmente desenvolvido de maneira constante pela instituição. Já, para além das atividades de rotina com os alunos, desde 2017, o museu de Piratini realiza atividades de *City Tour*, *City Tour* temático e exibição de curtas gravados na cidade e no interior do município, parceria firmada com a Secretaria Municipal de Turismo.

O Museu Histórico Farroupilha se encontra na Rua Coronel Manuel Pedroso, nº 77, no centro de Piratini. As visitas ocorrem de terças a sextas-feiras, das 9h às 17h. Aos sábados, domingos e feriados, das 14h30 às 17h. Para agendamentos de grupos e consultas de outros visitantes, contatar através do telefone (53) 3257 1481.

3º - Museu Oceanográfico Prof. Eliezer Carvalho Rios / FURG (Rio Grande, 1953)



Fundado a 8 de setembro de 1953, o **Museu Oceanográfico Prof. Eliezer de Carvalho Rios** foi doado à FURG pela Fundação Cidade do Rio Grande, no ano de 1975. Localizado à margem do canal do estuário da Laguna dos Patos, o Museu Oceanográfico apresenta uma exposição pública e permanente da vida e da dinâmica dos oceanos, em que são mostrados exemplares de animais marinhos de todos os

oceanos.

De acordo com a concepção de um museu dinâmico, além da exposição e da pesquisa, o Museu Oceanográfico participa na formação dos alunos de graduação, voluntários, mestrado e doutorado na área de Oceanografia, disponibilizando uma infraestrutura (quatro laboratórios, coleções e biblioteca) para a preparação de monografias e teses e também para o desenvolvimento de projetos especiais.

O museu tem uma exposição pública sobre a vida e a dinâmica do ecossistema marinho e sua relação com o meio ambiente apresentada em painéis, maquetes e diversos equipamentos utilizados em pesquisas oceanográficas. Nesses painéis, são apresentadas várias conchas, que fazem parte da coleção de moluscos do museu. Essa coleção, considerada a mais importante da América do Sul, foi organizada pelo diretor fundador do Museu Oceanográfico, o professor Eliezer de Carvalho Rios. Atualmente, o acervo abriga mais de 50 mil lotes de espécimes.

As ilhas oceânicas brasileiras também fazem parte das pesquisas. Algumas expedições foram realizadas, tais como: Atol das Rocas, em 1977 e 1982; Arquipélago de Abrolhos, em 1978 e 1980; Arquipélago de Fernando de Noronha, em 1979; e Arquipélago de São Pedro e São Paulo, a partir de 2001. Com base nesse material, várias espécies estão sendo estudadas e muitas já foram descritas.

Até o ano de 2002, os lotes de conchas a serem incorporados na coleção eram apenas registrados manualmente, através de livros tombo. Com a implementação do Banco de Imagens e Dados (BID), projeto financiado pela Petrobrás, 46.200 amostras de moluscos foram catalogadas, promovendo um grande avanço no manejo dessas informações.

4º - Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello (Santa Vitória do Palmar, 1962)



Fundado em 1962 pela Lei Municipal nº 618, o **Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello** desenvolveu suas atividades juntamente com a Biblioteca Pública onde hoje se instala a Câmara de Vereadores de Santa Vitória do Palmar.

Em 1987, tanto o museu quanto a Biblioteca Pública transferem-se para a recém criada Casa de Cultura, onde permaneceram até 2001. Neste ano, foi firmada uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Santa Vitória do

Palmar e a Fundação Bernardina Silveira Arnoni, provocando a alteração de endereço das instituições. Posteriormente, o museu e a biblioteca se transferem para as dependências da Secretaria de Esporte, cultura e Turismo, onde se encontram no momento.

Na inauguração do museu, o acervo era composto pela coleção particular de Emigdio Pinto Martino, farmacêutico local e interessado pelas Ciências Naturais que, por muitos anos, coletou material paleontológico e arqueológico pela região e colaborou com várias instituições de pesquisa. Apesar de servir como base para a criação do museu, só em 1987 aconteceu a doação de sua coleção. Com o passar do tempo, a comunidade foi realizando mais doações, enriquecendo o acervo da instituição.

Atualmente, o museu possui 1.020 peças paleontológicas e 666 artefatos arqueológicos. São desenvolvidas atividades nas áreas de educação ambiental e pesquisa, trabalho que almeja a conscientização da preservação do patrimônio arqueológico e paleontológico do município. A história dos povos que deram origem às primeiras ocupações é contada por meio de materiais líticos e cerâmicos, pontas de flecha, pedras de boleadeiras e polidores utilizados tanto pelos indígenas locais quanto pelos colonizadores que chegaram à região posteriormente.

Os objetivos do museu têm na educação, na cultura, na história e na pesquisa o seu norte. Sua missão é transmitir conhecimentos aos cidadãos de todas classes e de diferentes áreas do conhecimento, incentivando a preservação dos sítios arqueológicos, paleontológicos e do meio ambiente.

O Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello possui um acervo de mamíferos fósseis do pleistoceno, material arqueológico lítico, cerâmico e histórico. Possui também atividades de exposição permanentes e palestras.

5° - Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter / Ufpel (Pelotas, 1970)



O **Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter** tem suas origens em coleções particulares de Carlos Ritter, um naturalista autodidata que viveu no período de 1851 à 1926. Natural de São Leopoldo, RS, filho de imigrantes alemães, tornou-se um conceituado industrialista, trazendo o desenvolvimento e as modernidades da época para a rica e sofisticada Pelotas (século XIX).

Como entomólogo entusiasta, Carlos Ritter confeccionou curiosos mosaicos feitos totalmente de insetos, os quais retratavam pontos turísticos de Pelotas. Seus quadros entomológicos encontram-se preservados até hoje e são as peças mais singulares da coleção. No campo da ornitologia, foi também um importante entusiasta. Dedicou-se à História Natural de forma dinâmica para a época, conquistando reconhecimento através de sua fabulosa coleção de aves, hoje preservada em sua totalidade. Demonstrou ser um excelente taxidermista. A atual coleção de aves taxidermizadas do MCNCR serve de referência a ornitólogos do mundo inteiro. No Rio Grande do Sul, é a maior coleção de aves taxidermizadas, algumas delas não mais observadas em nosso estado.

O acervo do museu conta com numerosas espécies de aves, mamíferos, répteis e insetos, assim dispostos: **Coleção Entomológica**, com cerca de 4500 animais pertencentes às diversas ordens da Classe Insecta; **Mosaicos Entomológicos**, com três mosaicos formados por centenas de insetos que formam o desenho de fachadas de prédios históricos de Pelotas e de brasões, de autoria do próprio Carlos Ritter; **Coleção Ictiológica**, não muito ampla, e que consiste em cerca de dez exemplares da região conservados em álcool, além de um cavalo-marinho e uma piranha; **Coleção Herpetológica**, que consiste em uma série de répteis conservados de diversas maneiras; **Coleção Ornitológica**, com cerca de 550 aves taxidermizadas, nativas ou não, representantes das várias ordens da Classe; **Coleção Mastozoológica**, composta por 40 peças taxidermizadas (Carnívoros, Marsupiais, Primatas, Morcegos, Roedores, Lagomorfos e outros); **Coleção Paleontológica**, composta por material fóssil; **Coleção Osteológica**, que consiste em uma série de esqueletos de animais presentes na região.